

LABRA

COLLANA LUSOAFROBRASILIANA

2

Direttori

Barbara Gori

Università degli Studi di Padova

Maria Aparecida Fontes

Università degli Studi di Padova

Comitato scientifico

Antonio Carlos Secchin

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cláudio do Carmo Gonçalves

Universidade do Estado da Bahia

Dionísio Vila Maior

Universidade Aberta — Portugal

Fabiola Padilha

Universidade Federal do Espírito Santo

Marcos Bagno

Universidade de Brasília

Maria da Graça Gomes de Pina

Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"

Roberto Mulinacci

Alma Mater Studiorum — Università di Bologna

LABRA

COLLANA LUSOAFROBRASILIANA



*Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

Guimarães Rosa

La collana “LABra” inserita nel contesto del programma di internazionalizzazione delle università italiane, brasiliane, portoghesi e africane, si pone come obiettivo la pubblicazione di testi scientifici e letterari in ambito della lusofonia (Brasile, Portogallo, alcuni paesi dell’Africa e dell’Asia). La collezione LusoAfroBrasiliana, oltre allo scopo di diffondere la letteratura di questi paesi, intende promuovere e presentare temi rilevanti che contribuiscono agli studi critici e alla costruzione delle conoscenze scientifiche nei campi della letteratura, della linguistica, della traduzione, della storia, della cultura e della società.

Il sistema di valutazione dei testi adottato è basato sulla revisione paritaria e anonima (*peer-review*).



Vai al contenuto multimediale

Bocage e as Luzes do século XVIII

organização

Teresa Gil Mendes
Maria da Graça Gomes de Pina

Contributi di

Daniel Pires
Hilarino Carlos Rodrigues da Luz
Luiza Sawaya
Teresa Gil Mendes
Maria da Graça Gomes de Pina
Guia Boni
Mariagrazia Russo
Flávio Borda d'Água





Aracne editrice

www.aracneeditrice.it
info@aracneeditrice.it

Copyright © MMXVII
Gioacchino Onorati editore S.r.l. — unipersonale

www.gioacchinoonoratieditore.it
info@gioacchinoonoratieditore.it

via Vittorio Veneto, 20
00020 Canterano (RM)
(06) 45551463

ISBN 978-88-255-0820-8

*I diritti di traduzione, di memorizzazione elettronica,
di riproduzione e di adattamento anche parziale,
con qualsiasi mezzo, sono riservati per tutti i Paesi.*

*Non sono assolutamente consentite le fotocopie
senza il permesso scritto dell'Editore.*

I edizione: dicembre 2017

Índice

Introdução	9
DANIEL PIRES	
<i>Eis Bocage</i>	13
HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ	
<i>Contributo para a compreensão da poesia de Bocage</i>	19
LUIZA SAWAYA	
<i>Bocage: o veneno de desagradar</i>	31
TERESA GIL MENDES	
<i>Bocage e o drama de Inês</i>	49
MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA	
<i>Erotikē paideia nas epístolas bocageanas</i>	57
GUIA BONI	
« <i>Glosar e traduzir, isto é ser vate?</i> »: <i>la Gerusalemme</i> <i>liberata di Bocage</i>	71
MARIAGRAZIA RUSSO	
<i>Bocage traduttore di Metastasio</i>	87
FLÁVIO BORDA D'ÁGUA	
<i>Bocage, tradutor de Voltaire? Notas e especulações</i> <i>sobre a tradução portuguesa de Édipo</i>	105

Introdução

Bocage decerto ter-se-ia maravilhado, mas desconfio também que teria sentido muito orgulho de ser celebrado em terra itálica, pátria de personagens clássicos que povoaram os seus escritos e o guiaram pelos meandros da poesia. Precisamente porque a Itália era um espaço artístico-literário, e não só, que atraía o nosso Autor, a Universidade de Nápoles “l’Orientale” decidiu comemorar os 250 anos do seu nascimento com um Seminário Internacional, no dia 08 de abril de 2016, intitulado *Bocage e as Luzes do século XVIII*. O propósito era reunir à volta desta ampla temática estudiosos que quisessem aprofundar a figura caleidoscópica e poliédrica da cultura portuguesa do século das Luzes.

Embora, como muitas vezes acontece, não tenha recebido em vida o justo e merecido reconhecimento, Manuel Maria Barbosa du Bocage não passou despercebido sequer no *Bel Paese*, tendo uma pequena parte da sua vastíssima obra sido traduzida para italiano, pelo menos em duas ocasiões: a primeira, no século XIX, por Prospero Peragallo, e a segunda, já no século XX, por Riccardo Averini.

Em breve sairá uma antologia coligida por Daniel Pires e traduzida para italiano por Ada Milani e Vincenzo Russo, o que demonstra que o nosso Autor continua a despertar interesse ainda no novo milénio.

Mas regresso ao motivo que nos levou, a mim e a Teresa Gil Mendes, a organizar um Seminário numa Universidade que em tudo parece distanciar-se do nosso Autor... mas só em aparência.

O encontro e a relação de Bocage com o mundo “Orientale” parecem ter sido escritos pelo destino; em 1786, o poeta embarca para a Índia, portanto, para Oriente. Em seguida, vive dois anos em Goa, sempre Oriente, antes de regressar a Lisboa, para logo depois partir para Macau. Terá decerto transitado por ou-

tros espaços do distante Oriente, mas bastam-nos estes para o ligar à nossa sede. De certa forma, é como se a Universidade “l’Orientale” estivesse destinada a receber Bocage e os apaixonados, ou melhor, os poucos eleitos que no nosso Autor encontraram estímulos e se sentiram tentados a aprofundar o conhecimento da sua alma eclética e fascinante.

Tendo precisamente como fio condutor esses acasos fortuitos, e muitas vezes desventurosos, do nosso Autor, decidimos dissecar-lhe os variados interesses intelectuais e propor um seminário onde os mesmos pudessem ser melhor esmiuçados e anatomizados. Os participantes aceitaram de bom grado este desafio apresentando as próprias ideias sobre os múltiplos aspetos que constelaram a vida e a forte personalidade de Bocage. De modo que Daniel Pires abriu o seminário com um enquadramento sucinto e essencial sobre a vida e a obra de Bocage, o que permitiu aos outros participantes poder interagir sobre os vários pontos tocados pelo diretor do Centro de Estudos Bocageanos. Assim sendo, e a partir desse panorama definido e aberto, Hilarino da Luz aprofundou alguns ângulos da poesia “noturna” de Bocage, à luz de coordenadas pré-românticas, e Luiza Sawaya, por seu turno, pôde trazer para a mesa de trabalho o aspeto mais fescenino do nosso homenageado, relacionando-o com os arcades e com as disputas arcádicas. Em seguida, Teresa Gil Mendes abordou os dois tributos que Bocage prestou ao drama de Inês de Castro, analisando a sua estrutura e o seu alcance poético. Graça Gomes de Pina, pelo contrário, examinou o projeto de educação erótica alinhavado em forma epistolar pelas porta-vozes femininas criadas por Bocage. Bocage foi depois trabalhado enquanto tradutor e enquanto recriador poético de dois autores clássicos da literatura italiana: Tasso, o primeiro, analisado por Guia Boni, e Metastasio, o segundo, examinado por Mariagrazia Russo. Ambas as estudiosas aprofundaram as características e as opções tradutológicas usadas pelo nosso Autor. Encerrou o seminário a comunicação de Flávio Borda d’Água, que falou da possibilidade de atribuição da paternidade de uma tradução inédita em português de uma peça teatral de Voltaire.

Como se pode verificar, tratou-se de um seminário que favoreceu um debate sobre a personalidade multifacetada de Bocage. Não só. Chamou também a atenção do público para um momento histórico, o das Luzes, em que o fermento inovador vindo de fora fazia levedar o espírito português amesquinçado por uma moral castradora e fechada em si mesma. Bocage é precisamente filho — um pouco bastardo um pouco legítimo — dessa conjuntura e não obstante o breu do absolutismo, logrou, à custa de não poucas noitadas no Limoeiro e da perseguição do intendente Pina Manique, deixar um raio de luz que soube influenciar e iluminar tantos outros escritores portugueses.

Da recolha destes estudos, espera-se poder esticar mais um pouco esse raio de luz para que a personalidade de Bocage mostre o seu reflexo brilhante 250 anos após o seu nascimento.

Eis Bocage...

DANIEL PIRES*

Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu na então vila de Setúbal, no dia 15 de Setembro de 1765, filho de uma senhora de ascendência francesa e de um jurista, membros da burguesia esclarecida.

Neto de um almirante francês que viera organizar a nossa marinha no início do século XVIII, cedo revelou a sua sensibilidade literária, incentivada por um ambiente familiar propício.

Quando completou os 16 anos, sem alternativas, optou pela carreira das armas, seguindo, deste modo, a tradição familiar. Depois de uma breve passagem pelo exército, matriculou-se na Academia dos Guardas-Marinhas, que acabara de ser fundada em Lisboa. O seu espírito antimilitarista prevaleceu e esteve na origem de uma deserção, ocorrida quando tinha dezanove anos. Uma amnistia permitiu-lhe regressar às forças armadas, sendo então enviado para Goa.

No Brasil apenas esteve alguns dias; rumou depois para o Estado da Índia. A sua estada neste território caracterizou-se por uma profunda desadaptação. Com efeito, o clima insalubre, a vaidade dos autóctones e a estreiteza cultural que aí observou, estiveram na origem da sua rejeição da sociedade de Goa, que mais se acentuou devido à sua depressão. Deu então livre curso à sua sátira corrosiva:

Das terras a pior tu és, ó Goa,
Tu pareces mais ermo que cidade,
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

* Centro de Estudos Bocageanos.

A crítica social foi por Bocage amplamente cultivada também como forma de combater os podres sociais, contribuindo, assim, para a reforma de uma sociedade decadente.

Enquanto se encontrou em Goa, a sua verve poética não se circunscreveu à sátira: composições de um lirismo notável e de carácter introspectivo saíram da sua pena fecunda, como, por exemplo, aquela em que se compara ao nosso épico:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c'o sacrilego Gigante.

Promovido a tenente, Bocage foi nomeado para Damão, de onde voltou a desertar. Percorreu, então, as sete partidas do mundo, vivência que o enriqueceu interiormente. Andarilho impenitente, conheceu a Índia, a China e Macau, cidade onde compôs elogios e uma sátira que constitui um documento elucidativo acerca da situação sociopolítica ali existente.

De regresso a Portugal em 1790, aderiu à Academia das Belas-Letras, uma associação literária que pretendia retomar a acção meritória da Arcádia Lusitana. Um ano depois, Bocage publicou o primeiro tomo das *Rimas*, obra que constituiu uma pedrada no charco no panorama literário nacional, pouco fecundo no que à poesia dizia particularmente respeito.

O seu convívio com os poetas daquela academia cedo se deteriorou: estavam em causa diferenças substanciais na forma de perspectivar o mundo e a própria poesia, para além da inveja nutrida pelos seus antagonistas que ficaram na história da nossa literatura, desta forma convocados pela pena contundente do escritor:

Vós, ó França, Semedos, Quintanilhas,
Macedos e outras pestes condenadas;
Vós, de cujas buzinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Preside o neto da rainha Ginga
À corja vil, adúladora, insana.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Rapada, amarelenta cabeleira,
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda,
Boca, que à parte esquerda se acomoda
(Uns afirmam que fede, outros que cheira);

Em 1794, ocorreu uma cisão naquela academia, registrando-se a expulsão de Bocage, ou, eventualmente, a sua automarginalização, para gáudio dos seus inimigos que não lhe perdoavam a sua inesgotável inspiração e a forma depurada como compunha.

Na capital, vivenciou a boémia, frequentou os cafés que alimentavam o ideário da Revolução Francesa, satirizou a sociedade anémica que o tolhia, desbaratou, por vezes, o seu imenso talento em ataques pessoalizados, para responder a outros não menos viscerais; assumiu, por outro lado, a sua sexualidade de forma inequívoca, fazendo circular, clandestinamente, composições que se encontravam à revelia da moral católica e preconceituosa:

Amar dentro do peito uma donzela,
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura,
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela;

Fazê-la vir abaixo, e com cautela
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela;

A sua vida boémia e os seus panfletos clandestinos puseram-no na mira de um autocrata, o intendente-geral das polícias do Reino, Diogo Inácio de Pina Manique, que o encarcerou no Limoeiro. Valeu-lhe, então, a ampla solidariedade de várias personalidades da nobreza e da burguesia, designadamente José de Seabra da Silva, ministro do Reino, que pôs em prática uma estratégia cirúrgica para o libertar. O poeta foi, em seguida, enviado para os cárceres da Inquisição, que já não detinha o poder discricionário anteriormente usufruído, e, mais tarde, para o convento de S. Bento e para o Hospício das Necessidades, tendo em consideração a necessidade urgente, na óptica do poder, de